

DOSSIÊ TEMÁTICO: FENOMENOLOGIA, AÇÃO, COGNIÇÃO, AFETIVIDADE

APRESENTAÇÃO

É possível observar, principalmente durante as últimas décadas, uma reorientação de interesses da filosofia em direção às emoções e outros fenômenos afetivos. Ramos da filosofia diversos como a epistemologia, a ética, a filosofia da mente e da cognição passaram a colocar os afetos no centro das investigações sobre como adquirimos conhecimento sobre o mundo, qual a natureza da mente e dos processos mentais, ou qual a base de nossos julgamentos e comportamentos morais. Podemos chamar essa reorientação de interesses de “virada afetiva.” Após a virada afetiva a oposição clássica entre razão e emoção não mais pode ser sustentada, permitindo que afetos e emoções cumpram papéis teóricos que antes eram apenas reservados a crenças e cognições.

Este dossiê especial publicado pela revista *Perspectiva Filosófica* visa contribuir para este debate através de uma seleção cuidadosa de textos originais que se engajam, de uma forma ou de outra, com as emoções e os afetos. Para enriquecer a discussão optamos por não privilegiar uma tradição específica da filosofia, mas colocar diferentes tradições em diálogo sobre a importância de reconhecer a centralidade dos afetos e emoções para a compreensão de temas que são caros à filosofia. Alguns dos textos selecionados para este dossiê terão a afetividade como objeto principal de investigação, enquanto em outros casos os afetos aparecerão como elementos de fundo, mas que ainda assim desempenham papéis importantes na compreensão e clarificação do objeto de investigação em questão.

Optamos por abrir o dossiê com *The Boundaries of Affectivity (and a coda on extended consciousness)* de Giulia Piredda. Nesse artigo a autora faz um mapeamento teórico detalhado do campo da “afetividade situada”, uma família de teorias que se utiliza de ferramentas teóricas da cognição situada para a compreensão de fenômenos afetivos. O ponto comum entre estas teorias é a concepção da afetividade como constitutivamente situada, corporificada, enativa e estendida. Embora estudos sobre a cognição situada

já estejam relativamente bem difundidos no Brasil, a aplicação desse quadro teórico para o estudo das emoções ainda é incipiente no país. Nesse sentido, o texto de Piredda torna-se um excelente guia para esta nova abordagem da afetividade, que deverá despertar o interesse de pesquisadores e estudantes deste e de outros temas afins.

Ainda dentro de uma perspectiva situada e corporificada da cognição, admite-se que os afetos estão totalmente imbricados na percepção e na ação de agentes situados em seu meio físico e social. Sendo assim, uma abordagem frutífera para se compreender esse imbricamento pode ser encontrada na psicologia ecológica desenvolvida por J.J. Gibson, segundo a qual a percepção deve ser estudada em termos de ações que um organismo é capaz de realizar no meio no qual está adaptado, que é percebido em termos de *affordances* ou oportunidades de ação. Mas se as oportunidades de ação percebidas por um organismo dependem de suas habilidades, interesses e necessidades, e se os afetos e emoções estão intimamente ligados aos nossos interesses e necessidades, abre-se aqui um espaço para que a afetividade seja parte integral da percepção de oportunidades de ação. Clarificar essas relações é justamente a proposta de Carvalho no texto *Affective Affordances: direct perception meets affectivity*, que traz uma contribuição teórica valiosa tanto para o campo da psicologia ecológica quanto para os estudos da afetividade.

Uma discussão importante dentro da filosofia das emoções diz respeito a como entender as emoções de animais não-humanos. Isto é, embora a prática de atribuir emoções a animais não-humanos – principalmente os mais próximos de nós, como animais de estimação – seja comum, ainda não é claro quais emoções podem ser atribuídas a estes animais, quais espécies seriam capazes de ter emoções, e qual seria a base epistemológica de nossas atribuições de emoções a estes animais. No artigo *Non-Human Animal Emotions: homological or functional kinds?* Juan Loaiza aborda estas questões através de um debate entre duas posições filosóficas distintas, o funcionalismo e a abordagem homológica, argumentando a favor da primeira como uma melhor forma de compreender as emoções de animais não-humanos e fundamentar nossa atribuição de emoções a estes animais.

É possível, literalmente, ver emoções na expressão facial de uma pessoa? Esta questão tem sido amplamente debatida por filósofos e psicólogos, e permanece sem resolução. De um lado encontramos teorias da percepção direta de estados mentais, segundo as quais, ao perceber uma expressão facial característica de medo, nós *ipso facto* percebemos o medo desta pessoa. Do outro lado, argumenta-se que percebemos, *strictu sensu*, apenas certos traços da face (formas, linhas, movimentos, etc.), a partir dos quais inferimos um certo estado emocional. Insatisfeita com ambas estas abordagens, Joulia Smortchkova desenvolve uma posição intermediária em *La Perception des Émotions Comme Perception de l'Affect*, segundo a qual percebemos de fato significados afetivos em expressões faciais, mas que tais significados não correspondem a emoções discretas como medo, raiva, tristeza, etc. Ao invés disso, são significados afetivos que adquirem sentido a partir de *loops* sensório-motores estabelecidos com o outro, que dizem respeito a ações e engajamentos intersubjetivos situados.

Em *Approaches to Blushing: context matters*, Gen Eickers trata de um tópico pouquíssimo trabalhado em filosofia e psicologia das emoções: o rubor. Através de uma análise cuidadosa dos diferentes contextos sócio-culturais em que o rubor aparece, Eickers conclui que apenas uma teoria de expressões emocionais que reserva um papel de destaque para a variação contextual será capaz de explicar o fenômeno do rubor. Apesar do propósito do texto não ser desenvolver tal teoria, o valor do texto de Eickers está em sugerir constrangimentos teóricos, *desiderata* e apontamentos que qualquer teoria desse tipo deve ser capaz de responder, além de chamar atenção para um fenômeno até então elusivo e pouco estudado, mas que com o devido cuidado pode ser objeto de investigação científica e teorização filosófica.

É possível atribuir intenções e outros estados mentais a grupos de pessoas, coletivos ou movimentos sociais? Segundo uma teoria funcionalista abrangente da mentalidade, a resposta é sim. No entanto, esta posição tem sido criticada por gerar resultados contra-intuitivos acerca da atribuição de estados mentais a grupos. No artigo *A Aparente Contra-Intuitividade do Funcionalismo Abrangente: questões sobre a psicologia do senso comum e intuições sobre estados mentais*, Rasi, Mantovani, Figueiredo & Merluzzi defendem o funcionalismo abrangente contra estas objeções. Para isto, fa-

zem uma distinção entre intuições e crenças ordinárias do senso comum. A resistência em atribuir mentalidade a grupos, segundo os autores, se deve a características que dizem respeito a crenças ordinárias – mais precisamente, a uma maior facilidade em atribuir mentalidade a entidades que possuam traços antropomórficos ou proximidade afetiva conosco. Mas isso nada tem a ver com intuições propriamente ditas, esta sim uma noção *sui generis* mais adequada para fundamentar a reflexão filosófica. Sendo assim, a aparente contra-intuitividade do funcionalismo abrangente desaparece.

Emoções são centrais em nossas vidas, responsáveis por nos abrir epistemicamente a valores e propriedades avaliativas de objetos e situações no mundo que de outra forma não seriam facilmente acessíveis. Nesse sentido, uma questão importante para a epistemologia das emoções é saber como exatamente emoções podem cumprir esse papel epistêmico. Em *The Epistemic Role of Emotions in Value Sensitivity: a phenomenological analysis*, Engelsen argumenta, a partir de ferramentas teóricas da tradição fenomenológica, que a experiência emocional é constitutivamente valorativa e avaliativa, fazendo com que propriedades e aspectos avaliativos de objetos e situações tornem-se salientes em nossa experiência vivida e sejam focos de atenção. Nesta perspectiva, emoções podem ser compreendidas como estados intencionais que rastreiam valores, e sentimentos emocionais desempenham um papel epistêmico central como modos de apreensão destes valores.

O enativismo, apesar de contar com diferentes linhas teóricas, pode ser caracterizado de forma geral como um programa de pesquisa em que as ações de um organismo em seu meio tornam-se constitutivas para a compreensão de fenômenos mentais e cognitivos. Embora seja uma abordagem popular em filosofia da mente, da percepção e da cognição, um tópico que permanece pouco explorado dentro desse programa de pesquisa é a ética. O texto *Enativismo e Psicologia Moral: aprendendo (juntos) a ser gente* de Jefferson Hufermann visa justamente preencher esta lacuna. Em especial, Hufermann argumenta que o processo corporificado de “tornar-se humano” que emerge da filosofia enativa nos leva a aceitar uma psicologia moral anti-universalista, diferente de teorias éticas utilitaristas ou deontológicas. A moralidade enativa aparece aqui como um fenômeno emergente de ações concretas

de agentes situados, que se manifesta em acoplamentos e engajamentos epistêmicos com situações particulares, levando a formação de agentes morais imersos em situações normativamente complexas e ambíguas.

Ainda dentro de um quadro teórico enativista, Camila Leporace em *Another Brick in the Wall: threats to our autonomy as sense-makers when dealing with machine learning systems* traz um importante questionamento: em um mundo cada vez mais povoado por algoritmos, inteligência artificial e sistemas de *machine learning*, quais as consequências da utilização desses sistemas como intermediários de nossa experiência do mundo para nossa autonomia enquanto produtores de sentido (*sense-makers*)? Conseguimos preservar nossa autonomia quando nos tornamos agentes situados em nichos algorítmicos? Como sistemas de *machine learning* não são autônomos ou produtores de sentido, Leporace argumenta que nossos acoplamentos com esses sistemas em nichos algorítmicos são consequentemente reconfigurados em uma rede mais ou menos fixa de possibilidades, restringindo a ameaçando nossa própria autonomia como produtores de sentido. Leporace se vale dessa discussão para tirar consequências para o papel de sistemas de *machine learning* na educação, defendendo uma perspectiva enativa da educação em que a autonomia do aprendiz torna-se um elemento central.

Em uma série de livros e artigos o filósofo britânico Matthew Ratcliffe desenvolveu o conceito de “sentimentos existenciais”, que se tornou uma importante ferramenta teórica para o estudo da afetividade. Na teoria de Ratcliffe, sentimentos existenciais determinam nosso enquadramento afetivo do mundo e delimitam nosso espaço de possibilidades, sendo ao mesmo tempo um pano de fundo da experiência e um aspecto fenomênico da experiência ela mesma. Em *Sentimentos Existenciais e Desordem Psiquiátrica*, Marcelo Vieira Lopes se dedica a apresentar e clarificar esse conceito para o público brasileiro, explorando sua relevância para a compreensão de desordens psiquiátricas como interrupções e rupturas neste modo de experiência responsável por nos fazer sentir “em casa no mundo.”

Desde muito cedo na ontogenia desenvolvemos a capacidade de coordenar nossas atividades com os outros em episódios de atenção conjunta. Estas habilidades são consideradas como um marco fundamental no desenvolvimento ontogenético, desempenhando um papel central na aquisição da

linguagem, compreensão de outras mentes e aprendizado sócio-afetivo. No entanto, uma caracterização adequada da consciência mútua do objeto típica da atenção conjunta ainda é objeto de desacordo filosófico. De um lado, abordagens do conhecimento comum caracterizam essa consciência mútua em termos de uma lista infinita de atribuições iteradas de conhecimento perceptual; de outro lado, abordagens relacionais tomam a consciência mútua como primitiva, nada mais sendo que a fusão de percepções entre dois agentes. Em *Openness in Situations of Joint Attention*, Noronha e Cardoso desenvolvem uma posição intermediária através de ferramentas teóricas da lógica de situações, ao mesmo tempo capaz de preservar os *insights* de ambas as abordagens e evitar seus pontos fracos.

Apesar dos textos selecionados até agora neste dossiê serem dedicados a debates filosóficos mais recentes, é possível encontrar ao longo da história da filosofia diversos autores e autoras que se dedicaram ao estudo dos afetos e emoções. Nietzsche, por exemplo, reservou um lugar especial aos impulsos e afetos não apenas na determinação de nossas ações mas também na própria forma como percebemos o mundo, além de se engajar em uma discussão aprofundada sobre o caráter intencional (ou não) destes afetos e impulsos. Esses temas aparecem em *Nietzsche Contra a Mitologia da Liberdade* de Alice Medrado, que traz uma reflexão atualizada sobre a psicologia moral de Nietzsche e como ela estrutura suas críticas à filosofia moral de Hume e Kant, principalmente no tocante às noções tradicionais de culpa, responsabilidade e liberdade.

Um outro exemplo de discussões filosóficas importantes que precedem os debates mais recentes sobre cognição e afetividade situada pode ser encontrado na tradição fenomenológica, que nunca deixou de considerar os afetos como elementos estruturantes da experiência subjetiva pré-reflexiva. Em *A Abertura de uma Fresta na Metafísica Moderna: conjecturas sobre o projeto de Merleau-Ponty a partir do curso l'Insitution*, Sampaio traz uma reflexão sobre um conceito de Merleau-Ponty ainda pouco conhecido no Brasil: o de **instituição**. Este conceito foi desenvolvido pelo filósofo francês em um curso no *Collège de France* como o intuito de redescrever as relações do sujeito com o mundo, não como uma relação de dominação entre sujeito e objeto mas como um co-pertencimento de um sujeito que é ao mes-

mo tempo instituinte do mundo e instituído por ele. Através desse conceito Merleau-Ponty produz em efeito uma nova forma de descrição do mundo, se afastando do que chama de “metafísica moderna” ou “filosofia da consciência”, que teria efetuado uma apropriação transcendental do mundo pela consciência.

Felipe Nogueira de Carvalho

Pós-doutorando na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Editor Convidado



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

SUMÁRIO

**DOSSIÊ TEMÁTICO: FENOMENOLOGIA, AÇÃO,
COGNIÇÃO, AFETIVIDADE**

**THE BOUNDARIES OF AFFECTIVITY (AND A CODA ON
EXTENDED CONSCIOUSNESS).....1-28**

Giulia Piredda

**AFFECTIVE AFFORDANCES: DIRECT PERCEPTION MEETS
AFFECTIVITY.....29-51**

Eros Carvalho

**NON-HUMAN ANIMAL EMOTIONS: HOMOLOGICAL OR
FUNCTIONAL KINDS?.....52-75**

Juan R. Loaiza

**LA PERCEPTION DES ÉMOTIONS COMME PERCEPTION DE
L’AFFECT.....76-97**

Joulia Smortchkova

APPROACHES TO BLUSHING: CONTEXT MATTERS.....98-121

Gen Eickers

**A APARENTE CONTRAINTUITIVIDADE DO FUNCIONALISMO
ABRANGENTE: QUESTÕES SOBRE A PSICOLOGIA DO SENSO
COMUM E INTUIÇÕES SOBRE ESTADOS MENTAIS.....122-152**

João Felipe Santana Rasi; Paola Longo Mantovani;
Nara Miranda de Figueiredo; Pedro Merluzzi

**THE EPISTEMIC ROLE OF EMOTIONS IN VALUE SENSITIVITY:
A PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS.....153-175**

Søren Engelsen

**ENATIVISMO E PSICOLOGIA MORAL: APRENDENDO (JUNTOS)
A SER GENTE.....176-199**

Jeferson Huffermann

**ANOTHER BRICK IN THE WALL: THREATS TO OUR
AUTONOMY AS SENSE-MAKERS WHEN DEALING WITH
MACHINE LEARNING SYSTEMS.....200-230**

Camila Leporace

**SENTIMENTOS EXISTENCIAIS E RUPTURA PSIQUIÁTRICA
.....231-257**

Marcelo Vieira Lopes

OPENNESS IN SITUATIONS OF JOINT ATTENTION.....258-277

Daniel De Luca Noronha; Guilherme Araújo Cardoso

NIETZSCHE CONTRA A MITOLOGIA DA LIBERDADE.....278-317

Alice Medrado

**A ABERTURA DE UMA FRESTA NA METAFÍSICA MODERNA:
CONJECTURAS SOBRE O PROJETO DE MERLEAU-PONTY A
PARTIR DO CURSO *L'INSTITUTION*.....318-339**

Pedro Ivan Moreira de Sampaio

RESENHA

**RESENHA: *TRACING THE SOCIOPOLITICAL REALITY OF RACE*
(HASLANGER, SALLY).....340-346**

Rogério Fabianne Saucedo